

## **ESTUDO OBSERVACIONAL SOBRE A ÉTICA WEBERIANA NO FILME A ESCOLHA DE SOFIA**

**MICHELLE DO CARMO SOBREIRA**

Universidade de Fortaleza - UNIFOR  
michellesobreira@gmail.com

**FÁTIMA REGINA NEY MATOS**

Universidade de Aveiro - Portugal  
fneymatos@ua.pt

**RAFAEL FERNANDES DE MESQUITA**

Universidade de Fortaleza - UNIFOR  
fernandesrafael@live.com

**LAELSON ROCHELLE MILANÊS SOUSA**

UFPI  
yltritzen@gmail.com

## ÁREA TEMÁTICA: ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

### TÍTULO: ESTUDO OBSERVACIONAL SOBRE A ÉTICA WEBERIANA NO FILME A *ESCOLHA DE SOFIA*

#### **Resumo**

Quando dilemas éticos de responsabilidade ou convicção parecem envolver qualquer trama humana de mundo real, a “Escolha de Sofia” guia-se por uma ética da responsabilidade de um fim que justificaria o meio que ele não teve a opção de esquivar-se. Por meio de um estudo observacional de abordagem qualitativa objetiva-se situar o dilema sofrido pela protagonista do filme dentro dos parâmetros éticos determinados por Max Weber quando explica a ética de responsabilidade e a ética de convicção. As contribuições deste estudo extrapolam os limites fictícios e cinematográficos da escolha de Sofia ao tempo que retratam dilemas éticos que podem ser sofridos por pessoas do mundo real e escolhas (não desejadas) que refletem consequências posteriores além das justificativas de fim e de pressupostos axiológicos. Deste modo são diversos outros contextos históricos hodiernos que, mesmo em diferentes condições políticas, culturais, econômicas e sociais, pessoas se veem obrigadas às escolhas que não pretendem fazer. Isto amplia o escopo do filme e traz à contemporaneidade um debate que permanece atual.

**Palavras-chave:** Ética. Estudo Observacional. Linguagem Fílmica.

#### **Abstract**

When ethical dilemmas of responsibility and conviction seem to involve any human fabric of the real world, "Sophie's Choice" is guided by an ethic of responsibility from one end would justify the means he did not have the option to dodge out. Through an observational study of qualitative approach we aims to situate the dilemma suffered by the protagonist of the film within ethical parameters defined by Max Weber when he explains the ethics of responsibility and the conviction ethic. The contributions of this study goes beyond the fictional and cinematic limits of Sophie's Choice to a time depicting ethical dilemmas that may be suffered by people in the real world and choices (unwanted) reflecting further consequences beyond the end of justifications and axiological assumptions. Thus are many other hodiernos historical contexts that even in different political, cultural, economic and social conditions, people find themselves forced to make choices that are not intended. This widens the scope of the film and brings the contemporary debate that remains current.

**Keywords:** Ethics. Observational study. Filmic language.

## INTRODUÇÃO

Se a ética não governar a razão, a razão desprezará a ética [...]

José Saramago

A história da humanidade é permeada por grandes e profundas discussões que orientam evoluções de ordem social, política, econômica e de comportamento. Dentre elas, existem determinadas questões, relacionadas à ética e ao poder, inerentes ao pensamento humano e ao viver em sociedade, que foram e ainda são grandes geradoras de polêmicas ao longo dos séculos.

As primeiras reflexões que dariam início ao conceito de ética datam da antiga Grécia, em torno do século VI a.C., quando diversas forças sociais passaram a coexistir (aristocracia guerreira, forças aldeãs, famílias eminentes, religiosos etc) e deram início à necessidade de uma ordem social, permeada por reflexões morais acerca das obrigações e convivência entre as classes. Entretanto, a ética em si já existia há bem mais tempo, seja por meio da ética divina, existente nas religiões; por tabus professados em antigas tribos; seja com base na reciprocidade de boas ou más práticas, como se via no Código de Hamurabi (“olho por olho, dente por dente”); ou ainda, simplesmente, na intuição humana. Tais reflexões foram discutidas e desenvolvidas por diversos estudiosos e filósofos, como Platão, Aristóteles, Hobbes, Descartes, Spinoza, Voltaire, Kant, dentre outros (SOUZA, 2007; STUKART, 2003).

Até a Idade Média, de modo geral, os conceitos de moral e ética passaram a confundir-se, principalmente pelo fato de que ambos os vocábulos possuem raízes similares, visto que tratam de condutas consideradas obrigatórias (LA TAILLE, 2006).

Para Chauí (2009, p. 340), a confusão entre ética e moral pode ser explicada etimologicamente, tendo em vista que a palavra moral tem origem no latim, *mores*, e a palavra ética origina-se do grego, *ethos*, ambas significando costumes. Porém, a palavra grega *ethos*, pode ser escrita com a vogal breve, *epsilon*, significando caráter, índole natural, temperamento, ou com a vogal longa, *eta*, significando costumes.

Foi somente no século XVII que Spinoza (1979) separou os conceitos de ética e moral, unidas durante toda a Idade Média. A moral foi colocada junto à religião e ambas foram definidas como sistemas que impõem certos deveres ao homem (SPINOZA, 1979). A ética foi definida como o ser do homem tal como ele é (SPINOZA, 1979) e aqueles que não conseguissem alcançar a verdadeira liberdade deveriam pelo menos aceitar as imposições da moral e da religião para poderem viver juntos e sobreviver. Spinoza (1979) resgatou o sentido do *ethos* grego com vogal breve, *epsilon*, significando caráter e temperamento, que levariam à felicidade e a verdadeira liberdade.

Oficialmente, entende-se como moral os procedimentos de boa conduta considerados mais adequados a essa ou aquela sociedade, enquanto a ética relaciona-se diretamente com a filosofia que estuda o caráter do ser humano, cujas ações fundamentam-se pela razão, considerando os valores morais e os princípios ideais da conduta humana (MICHAELIS, 2013). Entretanto, segundo La Taille (2006), diversos autores ainda discordam dos conceitos e suas diferenciações.

Dentre os antigos filósofos, por exemplo, Platão (2005) ensinava, em suas primeiras colocações, que a ética era orientada para o bem e pelo bem. Para Aristóteles (1973, p. 257), o objetivo principal da ética era a busca pela causa verdadeira da existência humana, ou seja, a procura do bem e da felicidade, alcançados pela alma somente e quando esta executasse ações que possibilitassem sua plena realização.

No que se refere aos filósofos modernos, Kant (2005) associou a moral ao egocentrismo humano, afirmando que, de modo geral, a autoestima só acontece quando o autorrespeito de uma pessoa incide sobre os valores morais existentes, ou seja, quando passa no pré-

juízo social. Stuart Mill (1986), por sua vez, afirmava que a ética necessariamente deve-se harmonizar com a liberdade individual, sendo o princípio básico para a moral e a ética, ações que guiam para a felicidade humana. Para La Taille (2006), a moral deriva de um sentimento de obrigatoriedade, enquanto a ética é expansão do próprio indivíduo.

Weber (2002), cujo estudo sobre ética é foco deste trabalho, dissertou sobre a ética nas questões políticas, dividindo-a em duas vertentes: a ética da responsabilidade e a ética da convicção. A ética da responsabilidade é orientada pelos fins; enquanto a ética de convicção orienta-se pelos valores do indivíduo. O trabalho de Weber (2002) é amplamente utilizado no meio jurídico para racionalizar decisões judiciais, que, em teoria, buscam um equilíbrio entre as duas éticas weberianas potencializando a compreensão dos fatos e o senso de justiça (COSTA, 2009).

Considerando-se, portanto, que a ética está indelevelmente inserida no caráter humano, agravada pela moral, Ullmann-Margalit (2007) afirma que se torna fatídico que todas as pessoas se deparem algum dia com uma escolha que os levem a uma profunda reflexão ética, influenciada pelas regras sociais e morais a que foram submetidos por toda a vida, ou a uma situação em que se apresenta um desafio de escolha incalculável, em virtude de certas características da própria escolha ou do cenário que a pessoa está enfrentando.

Desta forma, foi identificado um filme que pode exemplificar um dilema ético enfrentado segundo a ética weberiana sobre o tema: *A Escolha de Sofia*. Assim, o objetivo deste artigo é situar o dilema sofrido pela protagonista do filme dentro dos parâmetros éticos determinados por Max Weber, por meio de um estudo observacional. Ressalta-se que este filme é constantemente referenciado em diversas áreas, em especial nas ciências sociais e na jurídica, para exemplificar grandes dilemas éticos ou justificar decisões controversas tomadas (MASLIN, 1982; PAKULA, 1982; SARAIVA, 2013).

Este estudo é importante por discutir um tema relevante e atual para a sociedade como um todo, por meio de um artifício lúdico e de maior poder de disseminação, que é a linguagem fílmica. Além disso, a relevância acentua-se pelo fortalecimento dos estudos observacionais na comunidade acadêmica, que já está reconhecendo o valor desse tipo de técnica.

## RELATIVISMO MORAL E ÉTICO NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Quando el relativismo moral se absolutiza en nombre de la tolerância, los derechos básicos se relativizam y se abre la puerta al totalitarismo.

Benedicto XVI

As palavras e os conceitos de ética e moral, são utilizados com frequência no dia a dia das pessoas, na mídia, em publicações, sob vários aspectos. Este exacerbo do uso é chamado por Romano (2001, p. 94) como “violenta inflação do termo”, considerando que, quando o público e os especialistas o falam em demasia, tais elementos certamente estão sendo veiculados sem crítica. Ao mesmo tempo em que são conceitos muito importantes para a concepção da sociedade, percebe-se com frequência profusões de práticas discutíveis que poderiam ser o inverso da moral e ética em toda a história da humanidade, fazendo com que se caia em um niilismo crônico destes valores (ROMANO, 2001).

Por outro lado, mesmo entendendo sua importância, são valores absolutos e irrefutáveis? Silva (2007, p. 109) aponta a impossibilidade da construção de uma moral a partir da qual se pudesse divisar o bem absoluto, tendo em vista que nenhum comportamento moral – e, por que não, ético – é eterno, mas “sujeito às contingências de um país ou de um

povo”. Ou seja, o autor relativiza os costumes, considerando as idiossincrasias culturais de cada povo, de cada nação. Silva (2007, p. 109) diz, ainda, que “o agir correto define-se pela observância dos costumes de cada povo e pelo aperfeiçoamento do bom senso e da virtude da moderação”.

O conhecimento histórico e das nações é importante não somente para avaliar permanências e transformações, como também, se os costumes se mantêm ou são transformados em perspectivas liberais ou conservadoras, a fim de procuramos ministrar esse conhecimento para subsidiar os debates e as análises sobre a relatividade da moral e a necessária visão crítica para julgá-la (SILVA, 2014). Percebe-se, portanto, que a relativização da moral é discutida abertamente. Tugendhat (1998) afirmou que “um conceito de moral que não permitiria manter a possibilidade de uma pluralidade de concepções morais é hoje inaceitável” (p. 49).

De acordo com La Taille (2010), existem dois tipos de relativismo moral: o axiológico e o antropológico. O relativismo axiológico, segundo este autor, implica pensar que todos e quaisquer valores morais assumidos por diversas culturas ou pessoas (e as regras de conduta decorrentes) equivalem-se, sendo impossível estabelecer uma hierarquia entre eles ou considerar alguns como imorais. La Taille (2010), inclusive, dá como exemplo de relativismo axiológico o caso de uma pessoa que embora não pratique, ele mesmo, excisão genital em meninas, considerará como válido que algumas pessoas o façam em nome de preceitos religiosos, ou seja, a tolerância é máxima com as diferenças. Por outro lado, segundo o autor, como pode alguém, realmente convicto de que a mutilação é moralmente errada, aceitar, sem maiores problemas de consciência, que se mutilem pessoas seja lá em que lugar do mundo for? Faltar-lhe-ia experimentar o sentimento de indignação, inseparável do sentimento de obrigatoriedade (LA TAILLE, 2010).

Já o relativismo antropológico, por sua vez:

[...] não consiste em afirmar que todas as opções morais se valem, mas que, de fato existem. Por exemplo, aqui, matar o ímpio é proibido, lá é um dever; aqui, manter relações sexuais fora do casamento é permitido, acolá é terminantemente proibido etc. [...] Se formos analisar os diversos sistemas morais conhecidos, verificaremos que as virtudes justiça e benevolência estão sempre presentes. Mas o fato é que essa presença recebe interpretações bastante diversas e até contraditórias. Terroristas islâmicos matam em nome da justiça (divina), militantes dos direitos humanos condenam a pena de morte, também em nome da justiça. Em suma, parece que, de fato, o plano moral pode ser ocupado por uma variedade de conteúdos (LA TAILLE, 2010, p. 107).

Finalmente, faz-se importante ressaltar a profunda interligação entre os conceitos de moral e ética, a ponto tal que passam a fundir-se em determinadas discussões. Para La Taille (2010), ambas são ligadas aos pretensos deveres das pessoas: a ética normalmente relacionada aos deveres de ordem pública; e a moral aos deveres intrínsecos do papel cumprido pela pessoa em determinado contexto social. Desta forma, crê-se que pensar na motivação moral por intermédio das opções éticas permite maior flexibilidade para dar conta da variedade de condutas que se observam (LA TAILLE, 2010).

Porém, a ética não cria a moral. Conquanto seja certo que toda moral supõe determinados princípios, normas ou regras de comportamento, não é a ética que os estabelece numa determinada comunidade (VÁSQUEZ, 1995). Sobre a responsabilidade das decisões humanas, Vásquez (1995, p. 2) afirma que:

É possível falar em comportamento moral somente quando o sujeito que assim se comporta é responsável pelos seus atos, mas isto, por sua

vez, envolve o pressuposto de que pôde fazer o que queria fazer, ou seja, de que pôde escolher, entre duas ou mais alternativas, e agir de acordo com a decisão tomada. O problema da liberdade da vontade, por isso, é inseparável do da responsabilidade. Decidir e agir numa situação concreta é um problema prático-moral; mas investigar o modo pelo qual a responsabilidade moral se relaciona com a liberdade e com o determinismo ao qual nossos atos estão sujeitos é um problema teórico, cujo estudo é da competência da ética.

O problema que se vê é que, atualmente e em toda a história da humanidade, muitas vezes os indivíduos se encontraram em situações em que tiveram de tomar decisões que não optaram por tomar, mas que tiveram de fazer.

## **REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ÉTICA WEBERIANA**

Duas coisas me enchem a alma de crescente admiração e respeito, quanto mais intensa e frequentemente o pensamento delas se ocupa: o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim.

Immanuel Kant

Max Weber destaca-se até hoje como um dos mais proeminentes filósofos da sociologia moderna, apresentando novas perspectivas no que se refere à política e ao poder (MARSAL, [s.d.]). Ainda de acordo com Marsal ([s.d.]), Weber foi um autor deslumbrado pelo poder político ou mesmo por toda forma de dominação. Assim, seus estudos e suas colocações influenciaram as mais variadas áreas, como a economia, administração, medicina, direito, dentre outras.

Na seara política, Weber (2002) discorre sobre a legitimação do poder do Estado, que se dá por meio do reconhecimento do antigo; do domínio carismático de quem ocupa posições de poder; e da crença de obediência às leis impostas pela sociedade. Em relação a essa obediência, Weber (2002) entende que o “Estado moderno é um agrupamento de dominação que apresenta caráter institucional e que procurou (com êxito) monopolizar, nos limites de um território, a violência física legítima como instrumento de domínio” (p. 62). A palavra legitimação permeia os estudos de Weber (1991, 2002) sobre dominação, ou seja, a eficiência da dominação encontra-se na legitimação pelos seguidores.

Analisando a violência física legítima, Arendt (1999) alerta sobre a culpa e a responsabilidade individual no moderno Estado burocrático, cunhando a expressão “banalidade do mal”, a partir do julgamento, em 1961, de Adolf Eichmann, em Jerusalém.

Vê-se que o conceito de moral, apontado por LaTaille (2006), pode ser visualizado no trabalho de Weber (2002), que, inclusive, afirma que os valores políticos vão além dos valores éticos, que, por sua vez, tomou dimensões maiores, necessitando de maior especialização de acordo com a área em que se aplicam. Hoje, se vê, por exemplo, preceitos éticos bastante especializados na área jurídica e médica (TEIXEIRA, 1999).

Uma das maiores contribuições de Weber (2002) foi a discussão elucidativa sobre a ética à luz da racionalidade humana. O autor afirmou que é inerente do ser humano a necessidade de justificar suas ações à, no mínimo, sua própria consciência, seja sua causa nobre ou não, racionalizando suas decisões e em busca de paz de espírito e da manutenção de seu entendimento sobre honra e dignidade. Desta forma, a ética para todos é de difícil

aplicação, especialmente na política, pois, em todos os lados, existirão aqueles que defenderão o que lhes pertence, com seu próprio entendimento de ética.

Kant (2012) elaborou uma teoria dos princípios que regem a conduta humana. O comportamento ético ou moral não é imposto pela natureza e sim pela sociedade. As leis éticas, impostas à vontade, indicam a conduta *a priori*, têm validade universal, isto é, são imperativos. Os imperativos kantianos não admitem falta alguma à verdade e podem ser categóricos ou hipotéticos.

Os imperativos categóricos são livres de quaisquer condições, sintetizados na máxima "age de tal modo, que a máxima de tua vontade possa valer-te sempre como princípio de uma legislação universal" (KANT, 2012, p.40). Os imperativos hipotéticos condicionam o ato moral à obtenção de algum retorno ou ao temor de alguma punição, encerrando "meros preceitos de habilidades" (KANT, 2012, p.32).

Weber (2002, p. 114), distinguiu a ética em duas vertentes claras de ação social, "inteiramente diferentes e irredutivelmente opostas": a ética da convicção e a ética da responsabilidade. Pode-se considerar que a ética da convicção, correspondente ao imperativo categórico kantiano, pois enfatiza a relação entre normas morais e valores, enquanto a ética da responsabilidade corresponde ao imperativo hipotético, enfatizando a relação entre os meios e os fins.

Relacionando com dois dos tipos de ação social propostos por Weber (1991), a ética da responsabilidade fundamenta-se na ação social racional orientada para fins, enquanto a ética da convicção tem sua base solidamente fincada na ação social racional orientada por valores.

Em termos de esclarecimento, a ação social, como toda ação, pode ser determinada:

- 1) de modo racional referente a fins: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como "condições" ou "meios" para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente.
- 2) de modo racional referente a valores: pela crença consciente no valor – ético, estético, religioso ou qualquer que seja sua interpretação – absoluto e inerente a determinado comportamento como tal, independentemente do resultado (WEBER, 1991, p. 15).

Ação e comportamento têm conceitos diferentes, pois na ação está contido um sentido dado pelo próprio agente. Assim, para Weber (1991),

Age de maneira racional referente a fins quem orienta sua ação pelos fins, meios e consequências secundárias, ponderando racionalmente tanto os meios em relação às consequências secundárias, assim como os diferentes fins possíveis entre si.

[...] Age de maneira puramente racional referente a valores quem, sem considerar as consequências previsíveis, age a serviço de sua convicção sobre o que parecem ordenar-lhe o dever, a dignidade, a beleza, as diretivas religiosas, a piedade ou a importância de uma causa de qualquer natureza (WEBER, 1991, p. 15-16).

Deste modo, a ética da convicção pressupõe uma realidade onde os deveres humanos nunca entram em conflito e os valores estão ordenados hierarquicamente. Nessa ética, a responsabilidade do agente começa e termina com a obediência à demanda ou ação, de acordo com a ordem das coisas, e sua intenção em obedecer é o mais importante indicador de merecimento moral. Trata-se de uma ética orientada pelos valores e sentimentos do indivíduo, em sua crença pura e simples de que simplesmente deve ou não deve agir de determinada maneira ou tomar determinadas escolhas. Desta forma, entende-se que o homem que se guia somente pela ética da convicção, se isenta da responsabilidade pelas consequências, porque fez o "certo" (COSTA, 2009; STARR, 1999; WEBER, 2002).

A ética da responsabilidade, por outro lado, é a formulação de uma posição política adequada diante de um sério desafio moral em um mundo caracterizado por conflitos de valor inevitáveis e insolúveis. Assim, a ética da responsabilidade é orientada pelos fins, que justificariam os meios, sendo a ética do homem de ação: analítica. Aqui, o homem deve preocupar-se com a eficácia, realizando a melhor escolha dentro do que é exposto, assumindo as potenciais perdas por um bem maior, ou seja, assumindo a responsabilidade com as consequências de seus atos (COSTA, 2009; STARR, 1999; WEBER, 2002).

Aron (2000) afirma que

A ética da responsabilidade (*Verantwortungsethik*) é aquela que o homem de ação não pode deixar de adotar; ela ordena a se situar numa situação, a prever as consequências das suas possíveis decisões e a procurar introduzir na trama dos acontecimentos um ato que atingirá certos resultados ou determinará certas consequências que desejamos. A ética da responsabilidade interpreta a ação em termos de meios-fins [...] se preocupa com a eficácia, e se define pela escolha dos meios ajustados ao fim que se pretende. [...] O problema da escolha dos valores nos introduz a ética da convicção (*Gesinnungsethik*), que incita a agir de acordo com nossos sentimentos, sem referência, explícita ou implícita, às consequências (ARON, 2000, p. 470-472).

Apesar de Weber (2002) ter afirmado que ambas as éticas são opostas e diferentes, ele contrapõe deixando claro que elas não se anulam entre si, tampouco não se complementam. Elas coexistem na sociedade e no balanço entre as duas está o viver do homem, que, por vezes, irá se deparar com paradoxos entre as duas éticas e, mesmo com suas convicções, terá de assumir a responsabilidade de seus atos, pois a perda será tremenda; ou tomará decisões com base em convicções, quando se espera que se assumam as perdas no caminho.

É importante salientar que as duas éticas não necessariamente são mutuamente excludentes, ou seja, a ética da responsabilidade não é a ausência completa de convicção e a ética da convicção não é inexistência de responsabilidade (WEBER, 2002).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma vida sem pesquisa não é digna de ser vivida pelo homem.

Platão

Dado sua relevância, dilemas éticos já foram abordados com frequência não somente na literatura, mas também em outras mídias, como o cinema. Atualmente, entende-se que o cinema também pode ser uma fonte importante de conhecimento, pois, por meio dele, relaciona-se a realidade dos espectadores com as mais diferentes fontes teóricas e filosóficas, disseminando-as de modo mais lúdico para as pessoas e tornando-se uma ferramenta de ensino eficaz, tamanha a cobertura dessa mídia no mundo globalizado (FERNANDES, 2007; MATOS et al., 2011). No caso, acredita-se que as dimensões éticas apresentadas por Weber (2002) também possam ser disseminadas de maneira facilitada por meio de um estudo observacional de um filme que trate sobre o assunto.

Esta pesquisa possui caráter qualitativo descritivo, utilizando método observacional não comportamental estruturado indireto (COOPER; SCHINDLER, 2003). Segundo os autores, o método observacional é ideal para analisar recursos estéticos, tais como pinturas, gravações e, no caso, filmes cinematográficos, pois a coleta de dados desse método compreende os parâmetros subjetivos contidos nessa mídia, como cores, sons, cenários etc. Além disso, o estudo observacional indireto, segundo Cooper e Schindler (2003), é benéfico por produzir uma observação menos tendenciosa em detrimento a uma observação direta. Os autores



citados ressaltam que muitos acadêmicos ainda possuem um preconceito para com o método observacional, considerando-o limitado e ignorando o potencial das observações para estudos aprofundados.

Em um primeiro momento, foi realizada coleta de dados secundários como anais, revistas científicas e livros, com foco especial na obra “Ciência e Política – Duas Vocações” de Weber (2002), que detalha os dois tipos de ética abordados nesse trabalho: a da responsabilidade e da convicção. No momento seguinte, se buscou identificar, por meio de estudo observacional, os princípios de Weber no que concerne às duas éticas que podem ser identificadas no filme “A Escolha de Sofia” (PAKULA, 1982). Para tanto, a obra cinematográfica foi assistida cinco vezes pelos autores: a primeira para conhecimento da obra e as subseqüentes para análises mais aprofundadas sobre o filme, buscando observar não somente referências à Weber no enredo, mas também nas demais composições do filme, como fotografia, direção, arte, iluminação, sons etc, em observação minuciosa com análises descritas em seção seguinte.

## O ESTUDO OBSERVACIONAL

Faça larga esta Cama –  
Com Devoção a faça –  
Para nela esperar pela Sentença  
Definitiva e exata.

Justo o Colchão lhe fique –  
Cheio o seu Travesseiro –  
Que o barulho dourado da Alvorada  
Não perturbe este Leito.  
Emily Dickinson

A Escolha de Sofia é baseado no *best-seller* homônimo de William Styron, publicado em 1979, que figurou 47 semanas nas listas do *The New York Times* e venceu o *National Book Award* de 1980. O filme teve também grande impacto na sociedade cinematográfica, recebendo vários prêmios pela interpretação magistral de Meryl Streep, como a protagonista Sofia Zawistowski.

O filme inicia com a chegada de Stingo, jovem de 22 anos vindo do sul, à Nova York, com a intenção de realizar o seu sonho de tornar-se escritor. Com pouco dinheiro, ele consegue alugar um quarto em uma casa cor-de-rosa, que esconde negras tragédias pessoais de seus hóspedes Sofia Zawistowski, católica polonesa sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz e Nathan Landau, judeu norte-americano.

Quando a ajuda após um desmaio em uma biblioteca e a leva para a casa cor de rosa, Nathan vê em seu braço a tatuagem do campo de concentração e as cicatrizes de cortes nos dois pulsos. Sofia confirma que esteve em um campo, mas diz que não quer falar sobre isso.

Recém-chegado na casa, Stingo presencia uma discussão entre Sofia e Nathan, que afirma, após diversas agressões verbais, “Sofia, estamos morrendo”. A cena e a frase impressionam Stingo, que se surpreende ao encontrar os dois juntos após horas, agindo como se nada houvesse acontecido.

Por ser escritor e seu quarto ser logo abaixo do quarto de Nathan e Sofia, o mesmo pergunta se o barulho da máquina de datilografia a incomoda. Ela diz que não, que a faz se sentir segura, pois se lembra do pai, que era professor na Universidade de Cracóvia e datilografava seus discursos à noite. Fala que o pai era um defensor dos judeus, que procurava protegê-los dos alemães e que, por esse motivo, foi morto pelos nazistas.

Os três tornam-se amigos inseparáveis. Nathan é um judeu culto, que domina diferentes assuntos e, esquizofrênico paranoico, acredita ser um biólogo do laboratório Pfizer envolvido em uma grande pesquisa, cujo resultado pode levá-lo a um prêmio Nobel. Sofia é uma mulher doce e triste, profundamente envolvida com Nathan, que praticamente salvou sua vida quando chegou aos Estados Unidos.

Os três vivem em um frágil equilíbrio, que as alterações de humor e súbito comportamento agressivo de Nathan, rompe com certa frequência. Sofia não menciona nunca o seu passado, pois em suas crises Nathan a culpa por estar viva quando seis milhões de judeus foram mortos.

Após uma grande discussão, Nathan e Sofia deixam de viver na casa cor de rosa e Stingo procura informações no local em que Sofia trabalha. O seu supervisor diz que ela faltou ao trabalho, que talvez seja possível que Sonja, uma amiga polonesa que trabalha na universidade, tenha alguma notícia. Na universidade, o professor de línguas diz que Sonja voltou para a Polônia, mas que sabe quem é Sofia, a filha de professor Bieganski. Stingo pergunta se ele foi seu aluno e o mesmo diz que assistiu somente a uma palestra, e que foi o suficiente.

Stingo fica surpreso quando o professor lhe mostra em um livro que o pai de Sofia era anti-semita radical, propagador da Lei do Banco, que proibia alunos judeus de sentarem no mesmo banco que os alunos poloneses. Que realmente foi morto pelos nazistas, que um dia chegaram a universidade e mataram todos os acadêmicos, sem perguntar suas posições políticas.

Decepcionado com a situação e com a ausência dos amigos, Stingo decide voltar para o Sul, quando escuta a voz de Sofia. A mesma vai se despedir e ele pergunta porque a mentira sobre o pai. Ela diz que por medo, depois de tantas mentiras já nem sabe o que é verdade, mas que amava o pai até o inverno de 1938, quando ao datilografar seu discurso sobre ‘O problema judeu na Polônia’, identificou pela primeira vez a palavra *vernichtung* – extermínio.

Sob impacto, parou de datilografar o discurso e foi ao gueto. Não conseguia entender o motivo pelo qual aquelas pessoas, homens, mulheres e crianças deveriam ser exterminadas. Voltou para terminar o trabalho e cometeu muitos erros no texto, o que causou intensa raiva no pai e no marido.

Desgostosa foi para Varsóvia, onde se tornou amante de Jozef que, juntamente com a irmã, fazia parte da Resistência polonesa. Após mostrar algumas fotos de crianças polonesas assinadas pelos alemães, a irmã pede que ela traduza alguns documentos roubados da Gestapo, pois seu alemão é fluente. Mesmo chocada ao tomar conhecimento do *The Lebensborn Program* – que separava as crianças de seus pais, levava-as para serem criadas como alemãs, mas que as exterminava quando eram consideradas racialmente inadequadas – recusou-se alegando temer pela segurança dos próprios filhos.

Duas semanas depois, Jozef foi assassinado pelos nazistas e, em seguida, ela foi presa com os filhos, Jan e Eva, levados para o campo de extermínio de Auschwitz, onde o filho foi encaminhado para *Kinderlogg*, campo infantil e a filha foi encaminhada para o forno crematório II. Por ser fluente em alemão, foi designada para trabalhar como secretária de Rudolf Hoess, comandante do campo no período de 1940 a 1943.

No campo de Auschwitz pode-se identificar com chocante clareza “um agrupamento de dominação que apresenta caráter institucional e que procurou (com êxito) monopolizar, nos limites de um território, a violência física legítima como instrumento de domínio” (WEBER, 2002, p. 62). Dominação e legitimidade são palavras que caminham juntas nos textos de Weber, porém nos campos de extermínio a dominação, apesar de institucionalizada pelo Estado nazista, não é legitimada por suas vítimas. A violência física é extrema e letal, apesar de eticamente, moralmente, humanamente injustificada.

Em um diálogo com Hoess, outro oficial diz que seu pai lhe perguntou qual era sua função médica em Auschwitz e o mesmo responde que fazia o trabalho de Deus: decidia entre quem devia morrer e quem devia viver. Pode-se observar a inexistência de qualquer ética e qualquer moral, pois se assume o poder de uma divindade para justificar ações práticas.

Em mais uma discussão, Sofia é machucada fisicamente por Nathan. Stingo tenta ajudá-la quando recebem uma ligação de Nathan ameaçando matá-los e, antes de desligar o telefone, ouve-se o barulho de um tiro e nova ameaça. Os dois fogem e, ao chegarem em um hotel, Stingo pede para Sofia ir morar com ele na fazenda dos seus pais. Diz que sempre a amou, que quer casar com ela e que a mesma seja a mãe de seus filhos. Sofia diz que os filhos de Stingo não merecem tê-la como mãe e decide contar a verdade nunca dita.

Ao amanhecer, Stingo encontra um bilhete de despedida de Sofia, informando que vai procurar Nathan. O final do filme mostra os corpos abraçados de Nathan e Sofia, em seu quarto de paredes cor-de-rosa, mortos após a ingestão de cianureto. A frase do início do filme, ‘Sofia, estamos morrendo’, era profética.

Na fila de triagem do campo de Auschwitz, um oficial nazista é atraído pela beleza de Sofia, que aproveita a oportunidade para dizer que não é judia, é polonesa e católica, e está ali por engano. Com absoluto desrespeito, o oficial diz que por não ser judia, vai dar-lhe o privilégio da escolha e permitir que ela fique com uma das crianças. Ela se desespera e diz que não pode escolher. Após uma rápida discussão, ele diz que se ela não escolher, mandará ambos para o crematório. Ela insiste que não pode escolher e ele ordena a um guarda que tome as duas crianças. Sofia então, em total desespero, diz que levem a sua garotinha, que até então estava em seus braços. A escolha de Sofia é um dilema entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade.

A ética da convicção está alinhada com a ação social racional orientada para valores, age a serviço de sua convicção sobre o que parecem ordenar-lhe o dever, a dignidade, a beleza, as diretivas religiosas, a piedade ou a importância de uma causa de qualquer natureza (WEBER, 1991). Por esta ética, nenhuma mãe entrega um filho para a morte certa. Não existem valores que justifiquem ou legitimem tal ação. Se sua decisão fosse orientada pela ética da convicção, Sofia não teria escolhido, pois por esta, o indivíduo age de acordo com seus sentimentos, sem referência, explícita ou implícita, às consequências (ARON, 2000).

A ética da responsabilidade fundamenta-se na ação social racional orientada para fins, ou seja, o comportamento é orientado pelos fins, meios e consequências secundárias (WEBER). Guiada pela ética da responsabilidade, Sofia não poderia deixar de escolher, pois teria a oportunidade de deixar que um dos filhos vivesse. A ética da responsabilidade é orientada pelos fins, que justificariam os meios (STARR, 1999; WEBER, 2002), ou deixar, deixar um filho vivo (fins), justificaria escolher outro para morrer (meios).

A justificação dos meios pelo fim, característica da ética da responsabilidade, está em oposição a ética da convicção, pois esta condena quaisquer ações que façam apelo a meios moralmente perigosos (WEBER, 2012). Para Vásquez (1995), só se pode falar em comportamento moral quando o sujeito que pratica a ação é responsável por seus atos, ou seja, que o fez porque queria fazer, que pode escolher. Obrigada a escolher, Sofia não pode ser responsabilizada, pois não o queria fazer. A escolha da escolha não foi de sua ordem, mas uma obrigação.

Diante do relativismo axiológico, que aponta ser impossível estabelecer uma hierarquia de valores ou considerar alguns como imorais (LA TAILLE, 2010), na civilização ocidental que cultura consideraria moral uma mãe escolher um filho para ser morto?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

E, se é verdade que, nos estágios finais do totalitarismo, surge um mal absoluto

(absoluto, porque já não pode ser atribuído a motivos humanamente compreensíveis), também é verdade que, sem ele, poderíamos nunca ter conhecido a natureza realmente radical do Mal.

Hannah Arendt

O conhecimento histórico e das nações é importante para avaliar permanências e transformações, bem como se os costumes se mantêm ou são transformados (SILVA, 2014). Assim, o dilema enfrentado por Sofia tem como cenários um dos períodos mais hediondos e cruéis vividos pela humanidade, a Segunda Guerra Mundial, palco do genocídio de um povo, comandado pela eficiente máquina burocrática do Estado alemão, então dominado pelo nazismo.

Os campos de concentração ou campos de extermínio foram instrumentos específicos de violência legítima que qualquer agrupamento humano que detenha o poder e o controle dos aparelhos do Estado pode criar. E nestes foram cometidas atrocidades físicas e mentais contra outros seres humanos, sem que tivessem qualquer culpa para tal punição. Nestes campos, o mal foi banalizado como se sua prática natural fosse.

Forçar uma mãe a escolher um filho para a morte é uma tortura sem qualificação, praticada como diversão e como se um tipo de poder divino tivesse sido delegado aos nazistas. Foi nesse contexto histórico que Sofia se viu obrigada a transformar suas próprias perspectivas. Antes, jamais escolheria um dos filhos em detrimento ao outro, mas dada a situação de crueldade e brutalidade nazistas, se viu obrigada a isso.

A culpa e a dor pela sua decisão lhe acompanharam após o final da guerra, atravessaram o oceano Atlântico e destruíram qualquer possibilidade de felicidade. A relação tormentosa com Nathan foi o caminho escolhido para a sua própria destruição. As vítimas de Auschwitz levaram seu sofrimento pelo caminho que escolheram trilhar.

Embora Sofia tenha escolhido pela vida de um dos filhos, ela não “escolheu escolher”. Ou seja, não se pode acusar Sofia nem eticamente e nem moralmente por sua escolha, porque simplesmente ela não teve escolha. Deste modo são diversos outros contextos históricos hodiernos que, mesmo em diferentes condições políticas, culturais, econômicas e sociais, pessoas se veem obrigadas às escolhas que não pretendem fazer. Isto amplia o escopo do filme e traz à contemporaneidade um debate que permanece atual.

As contribuições deste estudo extrapolam os limites fictícios e cinematográficos da escolha de Sofia ao tempo que retratam dilemas éticos que podem ser sofridos por pessoas do mundo real e escolhas (não desejadas) que refletem consequências posteriores além das justificativas de fim e dos pressupostos axiológicos. As éticas de responsabilidade e de convicção, conforme Weber, devem guiar em conjunto as decisões humanas balanceando suas escolhas e aquelas que as instituições, por mecanismos de dominação impõem.

## REFERÊNCIAS

- ARENDR, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- ARENDR, H. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARISTÓTELES, **Ética a Nicômacos**. São Paulo: Abril S/A, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2009.
- COOPER, D.R.; SCHINDLER, P.S. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

- COSTA, M. M. Ética da responsabilidade e ética da convicção: proposta de uma racionalidade para o controle judicial de políticas públicas. **Revista Urutágua**, n. 19, Maringá, set./out./nov./dez. 2009.
- DICKINSON, E. **Alguns poemas**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- FERNANDES, S. L. Cinema projetando filosofia: Análises filosóficas por meio do cinema. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 6, n. 2, p.105-114, Curitiba, jul./dez. 2007.
- KANT, I. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- LA TAILLE, Y. Moral e ética: Uma leitura psicológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. especial, pp. 105-114, 2010.
- LA TAILLE, Y. **Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MARSAL, J. F. **Conhecer Max Weber e sua obra**. Lisboa: Ulisseia, [s.d.].
- MASLIN, J. Styron's 'Sophie's Choice'. **The New York Times**, Movies Review, 10 dez. 1982. Disponível em:  
<<http://movies.nytimes.com/movie/review?res=9D06E3DB103BF933A25751C1A96494826>>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- MATOS, F. R. N.; LIMA, A. C.; GIESBRECHT, C. M. Estudo observacional das relações de poder no filme O Óleo de Lorenzo. **Cadernos EBAPE**, v. 9, n. 2, art. 11, Rio de Janeiro, jun. 2011.
- MICHAELIS. **Dicionário de Português Online**. Disponível em:  
<<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- STUART MILL, J. **Princípios de economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- PAKULA, A. J. **A Escolha de Sofia (Sophie's Choice)**, colorido, EUA, 1982.
- PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- ROMANO, R. Contra o abuso da ética e da moral. **Educação & Sociedade**, ano XXII, v. 76, out. de 2001
- SARAIVA. **A Escolha de Sofia**. Disponível em:  
<<http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/3096482/a-escolha-de-sofia>>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, D. J. Filosofia, educação das crianças e papel do preceptor em Montaigne. In: PAGNI, P. A.; SILVA, D. J. (org.). **Introdução à filosofia da educação: temas contemporâneos e história**. São Paulo: Avercamp, 2007, cap. 5, pp. 113-120.
- SILVA, M. C. G. A relatividade moral e ética profissional. **Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, v. 4, n. 1, dez. de 2014.
- SOUZA, D. A excelência moral e as origens da ética grega. **Princípios**, Natal, v. 14, n. 21, p. 147-174, jan./jun. 2007.
- SPINOZA, B. de. **Ética demonstrada à maneira dos Geômetras**. São Paulo: Abril S/A, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- STARR, B. E. The structure of Max Weber's ethic of responsibility. **Journal of Religious Ethics**, v. 27, n. 3, p. 407-434, 1999.
- STUKART, H. L. **Ética e corrupção: Os benefícios da conduta ética na vida pessoal e empresarial**. São Paulo: Nobel, 2003.
- TEIXEIRA, C. C. Honra moderna e política em Max Weber. **MANA**, v. 5, n. 1, p. 109-130, 1999.
- TUGENDHAT, E. **Conférence sur l'éthique**. Paris:PUF, 1998.
- ULLMANN-MARGALIT, E. Difficult choices: To agonize or not to agonize? **Social Research**, v. 74, n. 1, p. 51-78, Spring, 2007.
- VÁSQUEZ, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

WEBER, M. **Ciência e política**: Duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2002.  
WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora da UnB, 1991.